Favela ameaça a Vila Paranoá

Brasília - Invasões CB 19.08.88 p. 22

Notícia de fixação da área aumenta a presença de invasores

JORGE CARDOSO

Todo dia chega gente

Geralda de Souza, moradora da rua JK, e na Vila há mais de 15 anos, diz que nas últimas duas semanas está "chegando gente como formiga". Cada dia ela vê novos barracos na estrada de terra que leva a Sobradinho. Rosa Rodrigues Moreira, moradora da rua Alta Tensão, é outra que denuncia a chegada de novos invasores. Ela diz que a princípio foram os que pagavam aluguel, mas o contingente está sendo engrossado por gente de Taguatinga e Ceilândia. As duas temem que isso possa prejudicar a fixação.

Cristino Cardoso, pedreiro desempregado, morava até a última quarta-feira num cômodo construído parede e meia com o barraco de Benvindo da Silva, na própria Vila. Ouviu que o GDF ia doar lotes em regime de "concessão de uso" e decidiu montar barraco para ele, a mulher Teresa e quatro filhos às margens do Lago. Está sendo ajudado por Amilton Pereira da Silva, jardineiro, casado com Francinete e pai de um menino de 1 ano e cinco meses. Amilton armou seu barraco no início desta semana. Os dois acham que agora não há mais risco de a PM chegar com a cavalaria e expulsar todo mundo. O Governo garante.

JORGE CARDOSO

O carpinteiro aposentado Milton Costa Araújo é outro que decidiu ter barraco próprio. Está montando um para ele, a mãe Doralice e duas irmãs. Morou durante quatro anos com o irmão Ribamar, com casa no Paranoá, há 10 anos. Domiciano Francisco Santos, trabalhador na construção civil, montou barraco para ele e a mulher Rita Idália. Diz que pagava Cz$ 1 mil e 500 de aluguel mas "não estava dando conta". A mulher não pode trabalhar já que tem de cuidar de André, 6 anos, deficiente físico, filho do casal. Foi para a beira do Lago na última terça-feira.

José Cláudio Paiva, 22 anos, que diz trabalhar como autônomo na montagem de arquibancadas no Jóquei Clube, é um dos que invadiram a área próxima à Profiora. Cercou uma grande área e está com idéia de iniciar uma lavoura. Não descarta, contudo, a possibilidade de "arrendar" parte dela a algum interessado. Montou o barraco, coberto de Eternit, para ele e a tia Maria Jacó. Recebeu ontem a visita de dois amigos. Um deles afirmou ter prometido montar casa para uma moça de Planaltina. Vai propor-lhe união no Paranoá, assim que o GDF "entregar as escrituras."

Problema é a água

A população estimada na Vila Paranoá é de 30 mil pessoas, conforme os números levados à reunião do Cauma que aprovou a fixação. Rosilda de Moraes Barbosa, esposa do prefeito comunitário, Gilson Araújo Barbosa, já acredita que o total fique entre 35 e 40 mil moradores. O equipamento comunitário de que dispõe a Vila inclui três escolas (com cursos de 1º grau e supletivo), centro de saúde, posto policial, posto da LBA, creche e um centro de atendimento social.

Existe rede de iluminação pública e a maioria da população se serve dela puxando "gambiarras" para as residências. Outras casas dispõem de relógios aferidores da CEB, mas pagam preço mínimo pela energia elétrica que utilizam. O abastecimento de água, no entanto, é o ponto mais frágil do cotidiano.

São três chafarizes, alimentados por carros-pipa da Caesb, ou recebendo água através de minas. Nos chafarizes, a água que provém da mina é muito superior, proporcionalmente àquela fornecida pela Caesb. Existem também 12 outros pontos de distribuição de água à disposição da Vila, com os carros-pipa enchendo diretamente os latões. Segundo a Prefeitura Comunitária, há 14 outros chafarizes prontos para funcionar, mas até agora nenhuma providência neste sentido foi tomada.

Rosilda Barbosa diz que os chafarizes costumavam ser limpos, pelo menos uma vez por mês, e o que saía deles era "uma água suja e vermelha". O costume de se enfiar mangueiras pela abertura do chafariz a fim de apressar o recolhimento da água fez a Caesb lacrar as "bocas" que só são abertas pelos funcionários que chegam para enchê-lo. Rosilda acha que a falta de limpeza dos chafarizes tem facilitado a contaminação da água por todos os tipos de coliformes fecais. Esta semana uma equipe de engenheiros da UnB vai à favela a fim de orientar a população no sentido de não beber a água sem antes fervê-la. Rosilda diz que a água da mina não está contaminada. Pelo menos "até agora ninguém morreu".

Uma nova favela, que promete atingir as mesmas proporções da existente — que teve sua fixação aprovada pelo Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) — está surgindo no Paranoá entre os fundos da escola, na entrada da Vila, e a reserva da Proflora. As margens do Lago, de onde há tempos foram retirados cerca de 40 barracos, estão sendo novamente ocupadas.

Os invasores são famílias que pagavam aluguel e outras vindas de pontos como a Ceilândia e Taguatinga, ou ainda pessoas expulsas de invasões como a 110 Norte — que durante um ano se abrigaram no Centro de Desenvolvimento Social de Sobradinho ou vagaram pela cidade —, Varjão e Cruzeiro. Todos, contudo, afirmam que moram no Paranoá há mais de cinco anos para se beneficiarem com a decisão do Cauma. A revelação de que a água do Paranoá está contaminada não assusta ninguém.

FAVELA

A área invadida tem cerca de 1 mil metros de extensão, limitando-se de um lado pela pista que dá acesso à Vila e pelo outro com a reserva da Proflora. A concentração maior de barracos é nos fundos da escola, tendo começado a crescer há menos de um mês. Quem passa pela pista tem a visão encoberta pela escola. Os barracos visíveis ocupam áreas esparsas, já cercadas ou piqueteadas. Há quem tenha reservado terrenos de 40 X 40 m, com fixação de estacas e arame farpado. Está sendo erguida uma média de cinco barracos por dia.

Os menos afortunados fazem as casas com papel-ao e sobras de carpete, cobrindo os barracos com plástico. Outros fizeram investimentos maior, usando madeira aparelhada ou madeirit, e cobertura em telhas de amianto. A proximidade com a floresta de pinus facilita a construção, usando-se a madeira tanto para o arcabouço dos barracos quanto para as cercas. A limpeza da área foi conseguida através de quimadas. Os locais preferidos estão sendo às margens da pista de terra batida que separa a reserva do restante da área que vai até o asfalto.

A expansão da favela do Paranoá não se resume aos fundos da escola e margens da reserva florestal. Todos os espaços em volta estão sendo ocupados. Locais evitados pelos primeiros ocupantes, por serem grotas onde são despejados esgotos e formam-se "cachoeiras" no período de chuva, estão recebendo moradores. O crescimento ocorre ainda no sentido da barragem, com os invasores trabalhando em ritmo acelerado para construir os barracos. Os que cercaram áreas pretendem guardá-las para "negociar" conforme aparecam os interessados. Estão convictos de que permanecerão no local, pois "o Governo está distribuindo terras e a Constituinte aprovou a reforma agrária."

GER 20.01.0058.0 - (JAN/86)